

# HAMAS E O TERRORISMO SIMPÁTICO

Diego Balassiano Dominguez<sup>1</sup>

---

## **Resumo**

Este artigo acadêmico expõe um novo olhar crítico sobre o papel do Hamas na morte de civis palestinos durante o confronto com o Estado de Israel em 2014, a partir de conceitos de guerra assimétrica e terrorismo pelas Relações Internacionais. O conflito durou cinquenta dias e resultou na morte de 2.205 palestinos, a maioria civis. Serão abordadas as formas estratégicas de um grupo não-estatal para alcançar o objetivo político frente à assimetria de armamento, status e pessoal de um Estado. Devido à desproporcionalidade, o ato terrorista segue dois passos essenciais para atingir o objetivo em voga: colocar a questão social na pauta internacional e, em seguida, alcançar a simpatia no cenário externo. O artigo mostra que o Hamas usou, estrategicamente, a própria população civil como escudo humano para atrair a atenção e a simpatia internacional em meio a uma crise financeira e política para com grupos radicais e países vizinhos.

**Palavras-chave:** Hamas; Israel; terrorismo; escudo humano; guerra assimétrica

## **Abstract**

This article presents a new critical view of Hamas's role in the deaths of Palestinian civilians during the confrontation against the State of Israel in 2014, based on terrorism and asymmetric warfare concepts in International Relations. The conflict lasted fifty days and resulted in 2.205 Palestinians deaths, mostly civilians. I have addressed strategies used by the stateless group in its attempt to fulfill its political objectives against the asymmetrical conditions of armament, status and personnel of a state. Due to disproportionality, the terrorist act follows two essential steps to achieve the goals in vogue: put social issues on the international agenda and achieve sympathy abroad. The article shows that Hamas strategically used its own civilian population as a human shield to attract attention and international sympathy during a policy and financial crisis towards radical groups and neighboring countries.

**Keywords:** Hamas; Israel; terrorism; human shield; asymmetric warfare

---

## **Introdução**

A ofensiva militar travada em 2014 entre Israel e Hamas foi a mais sangrenta de um conflito histórico que se arrasta há mais de um século. As imagens de destruição e o número de mortos durante os bombardeios chamaram a atenção do mundo: 2.205 palestinos (ONU), a maioria civis. Durante cinquenta dias, as populações palestina e

---

<sup>1</sup> Pós-graduado em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP) e jornalista do Jornal da Cultura, da TV Cultura. balassiano89@gmail.com

israelense se viram em meio ao fogo cruzado e ao cenário de total destruição, principalmente, na Faixa de Gaza. Em resposta aos foguetes lançados pelo Hamas, Israel, então comandado pelo partido de direita Likud, não deu trégua até a destruição de pelo menos 90% do arsenal bélico. Os projéteis e a incursão por terra resultaram em milhares de vítimas na Faixa de Gaza. Mas a pesada ofensiva militar é apenas parte da complexidade que envolve este conflito.

O número de vidas ceifadas nos últimos confrontos tem feito organizações internacionais condenar o Hamas por utilizar a própria população palestina como escudo humano, uma estratégia corrente de grupo terrorista que coloca os civis expostos ao conflito armado. A estratégia do escudo humano, como o lançamento de mísseis a partir de escolas, hospitais, mesquitas e hotéis, é imprescindível para que um grupo terrorista alcance seu objetivo político, afirma Ekaterina Stepanova (2008). O terrorismo, conclui, “é o uso da violência unilateral contra a população civil por um grupo não-estatal”.

Este artigo procura expor um novo olhar crítico sobre o papel do Hamas na utilização da própria população como escudo humano, a partir de conceitos e teorias de conflitos assimétricos pelas Relações Internacionais. De forma a alcançar o objetivo traçado, este artigo se divide em três seções. Em primeiro lugar, será aplicado o conceito de terrorismo e guerra assimétrica para explicar o conflito entre Israel e Hamas. Ainda na primeira fase, serão abordadas as estratégias utilizadas pelo grupo não-estatal para alcançar a simpatia internacional. Em seguida, serão apresentados os métodos de escudo humano empregados pelo Hamas. E na terceira e última sessão, o artigo apresenta uma contextualização do conflito e o conceito de Jihad.

### **O conceito de terrorismo e guerra assimétrica**

Ekaterina Stepanova (2008), diretora de projetos do Instituto Internacional de Pesquisa em Paz de Estocolmo (Sipri, na *sigla* em inglês) e autora do clássico "Terrorismo em conflitos assimétricos", traça pontualmente os critérios que definem um grupo terrorista, em detrimento de outros atos de violência:

- a) Objetivo: o que distingue uma organização criminosa de um grupo terrorista é o motivo que o leva ao ato de violência. Enquanto uma organização criminosa

visa aos ganhos financeiros e ao acúmulo ilegal de riqueza; um grupo terrorista tem sempre um objetivo político. Para os grupos envolvidos no terrorismo, a política é o fim, e não um instrumento secundário. O terrorista pode até empregar meios ilícitos de gerar dinheiro para autofinanciamento e interagir com o crime organizado. No entanto, ao passo que para os criminosos, o lucro material é o objetivo final; para os terroristas é, sobretudo, o meio para fazer alcançar seus objetivos políticos.

- b) Alvo: O uso da população civil como o alvo direto ajuda a distinguir o terrorismo de outras formas de violência que também têm motivações políticas. Como, por exemplo, uma guerrilha que atua contra as forças militares e de seguranças governamentais. Diferentemente, o terrorismo é especificamente dirigido contra a população civil.
- c) Guerra assimétrica: O uso da violência contra civis é encenado especificamente para que um público assista. Mais comumente, o público-alvo é um estado ou um grupo de Estados, para que façam ou abstenham-se de alguma política. O Estado como o destinatário final da mensagem leva ao terceiro critério que define a natureza assimétrica do terrorismo.

O conflito entre Israel e Hamas, *Ḥarakat al-Muqāwamat al-Islāmiyyah* (Movimento de Resistência Islâmica, em português) é denominado pelas Relações Internacionais como guerra assimétrica ou irregular, uma vez que não há simetria de poder, status, armas e nem pessoal entre o Estado e o grupo não-estatal. Devido à tamanha desproporcionalidade de poder, é improvável que conquiste a guerra irregular apenas pelo confronto direto.

Um ataque terrorista, seja um lançamento de um míssil ou uma explosão no metrô, não é realizado com o intuito de ganhar a batalha de imediato. Para Rob Johnson, Michael Whitby e John France (2012), a estratégia segue dois passos essenciais para conquista do objetivo em voga: o primeiro, e mais fácil, é colocar sua questão política e social na pauta internacional. O segundo passo, e mais difícil de ser alcançado, é a conquista da simpatia internacional, que, por fim, levaria ao apoio político. Mas como um ataque terrorista pode atrair a simpatia de outros países?

A estratégia como a organização terrorista conquista a simpatia internacional é através do contra-ataque do Estado. Quando o Hamas lança um míssil, o grupo espera que o Estado contra-ataque. A estratégia é pressionar o Estado a não ter outra saída se

não responder ao lançamento de mísseis. O contra-ataque é a verdadeira arma do terrorismo, uma vez que a destruição e mortes provocadas pelo Estado atraem a atenção e a simpatia internacional. Ao lançar um míssil, o Hamas sabe que haverá poucos danos para Israel e que não vencerá desta maneira.

O Terror, afirmam Rob Johnson, Michael Whitby e John France (2012:236), “pode produzir um efeito desproporcional no tecido delicado e vulnerável da sociedade, mas sua utilização [...] não consegue, em si, garantir o poder”.

A vitória vem do número de civis palestinos mortos com o contra-ataque, não de israelenses. Afinal, “atos terroristas de maior sucesso [vítimas israelenses] podem abalar essa conquista [simpatia], já que a matança indiscriminada de civis devolve a iniciativa da propaganda ao Estado e convida a contra-ataques mais pesados” (2012:236). Quanto mais certo for este contra-ataque israelense, maior será o apoio internacional à causa social do Hamas. “Assim, o terrorismo combina ataques físicos com uma tentativa de [...] interpretar o drama da causa no grande palco da opinião pública mundial” (2012:237).

### **A estratégia do escudo humano na guerra assimétrica**

A Faixa de Gaza é um território, de 11 por 40 quilômetros, onde moram 1,8 milhão de pessoas. Um ataque à Faixa de Gaza é, por si só, um risco para a população civil que vive numa região de alta densidade demográfica. Ainda assim o Hamas expõe, de forma estratégica, os palestinos como alvos dos ataques.

Desde o início da operação, a Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (*UNRWA*) encontrou foguetes em três de suas escolas. A Anistia Internacional lembra que, em conflitos anteriores, a ONG documentou o uso de instalações civis como depósito de armas e ponto de lançamento de foguetes. Sobre a questão do uso de escudo humano, a Anistia afirma ainda que o Hamas tem pedido para a população permanecer em prédios, em que estão escondidos armamentos e sob ataque iminente, mesmo com os avisos por telefone ou panfleto por soldados israelenses.

De acordo com o Exército de Israel, durante o conflito em 2014, foram disparados pelo Hamas 1.600 foguetes de áreas civis: sendo 331 perto ou dentro de mesquitas; 248 de escolas (exemplo, a *El Azhar Islamic College, Abu Nur School*); 85 de clínicas médicas, 41 de hospital, (exemplo, a *Wafa Hospital Shuja'iyah*); 30 de instalações

da ONU (sendo onze lançamentos ao redor da *UNRWA Shahada Al-Manar Elementary School*, para meninos; e um da *UNWRA Elementary School*, para meninas); e três de Igrejas.

O Exército também registrou no dia dois de agosto, às 18h04, um míssil vindo da UNWRA Health Center. No dia 30 de julho, às 21h44, numa estação de ambulância da Cruz Vermelha. Também no dia primeiro de agosto, houve um lançamento perto do hotel Al Mashtal, em que jornalistas se hospedavam. Para o governo israelense, o grupo palestino usa este artifício com o objetivo de aumentar o número de vítimas civis e fazer com que o Hamas ganhe a “guerra da propaganda”.

A estratégia é colocar os próprios civis como alvos e dificultar a operação de contra-ataque que visa a diminuir os pontos de lançamento. Como consequência, de acordo com a ONU, cerca de 500 mil palestinos foram internamente deslocados no auge do conflito. A União Europeia condenou o número de vítimas e o Hamas pelo uso da população civil como “mártires”, mas também destacou que o direito de defesa israelense contra qualquer ataque deve seguir o direito internacional humanitário. Em relação ao conflito de 2014, a Anistia Internacional acusou ambos de crime de guerra: Israel pela morte de civis palestinos e o Hamas pelo sequestro, detenção, tortura e homicídios ilegítimos de dezenas de palestinos. De acordo com o relatório *Strangling Necks: Abduction, torture and summary killings of Palestinians by Hamas forces during the 2014 Gaza/Israel conflict* (“Estrangulando gargantas”: sequestros, tortura e homicídios ilegítimos de palestinos, perpetrados pelas forças do Hamas durante o conflito de Gaza e Israel de 2014), a Anistia afirma:

“No caos do conflito, a administração de fato do Hamas deu carta branca para suas forças de segurança cometer terríveis abusos contra pessoas sob sua custódia. Estes atos estarrecedores, alguns dos quais constituem crimes de guerra, tinham por objetivo a vingança e semear o terror por toda a Faixa de Gaza.” (ANISTIA INTERNACIONAL:2015)

Deste modo, o Hamas, segundo Stepanova (traduções nossas, 2008:89) “tende a ignorar a proibição [no Alcorão] de matar pessoas que não estão diretamente envolvidas nas hostilidades, incluindo cidadãos muçulmanos e não combatentes”.

O grupo também utiliza prédios de civis para esconder os armamentos. Após a incursão por terra, uma vistoria feita numa mesquita levou ao esconderijo de armas pesadas e entradas para a rede de dezenas de túneis utilizados pelo Hamas. Embaixo da Faixa de Gaza existe uma segunda Gaza subterrânea, construída pelo Hamas em direção

ao território israelense. O Exército encontrou, em julho, ao menos 32 túneis, com 70 saídas para Israel. Um deles chega a 2,5 quilômetros de extensão, com paredes de concreto, a 15 metros de profundidade. Cada túnel tem o custo estimado em US\$ 3 milhões. A própria incursão por terra no conflito visava à destruição destes túneis.

O investimento milionário da escavação, de ao menos US\$ 90 milhões, contrasta com a realidade dos palestinos. O desenvolvimento da Faixa de Gaza e as melhores condições de vida dos cidadãos foram substituídos pela construção de túneis, que possibilitavam a passagem de homens-bomba a Israel. O Hamas também utilizou de forma indébita grande parte da ajuda humanitária fornecida à Gaza: 800 mil toneladas de cimento foram utilizadas para construir os túneis em direção ao território israelense.

Para cada túnel construído, são necessários 350 caminhões com materiais de construção que passam pelos postos de fronteira com Gaza. Estes materiais, de acordo com o site oficial do Exército de Israel, poderiam ser usados, por exemplo, para a construção de 86 casas, sete mesquitas, seis escolas e 19 clínicas médicas. A estratégia condiz com a carta de fundação do Hamas, que visa à ocupação do território de Israel e da Cisjordânia.

A mais recente escalada de violência durou cinquenta dias e começou com o sequestro e a morte de três adolescentes israelenses na Cisjordânia. Em seguida, Hamas confessou o sequestro. Em represália, três radicais israelenses, que depois foram presos, queimaram vivo um adolescente palestino. No dia oito de julho após um intenso bombardeio palestino com foguetes contra o território israelense, a aviação do Exército de Israel iniciou dezenas de ataques aéreos contra a Faixa de Gaza com a chamada Operação Margem Protetora. Os militares de Gaza responderam aos ataques aéreos.

No dia 17 do mesmo mês, o premiê israelense Benjamin Netanyahu ordenou uma incursão militar por terra com o objetivo de eliminar os túneis. O conflito se encerrou no dia 26 de agosto.

Do lado israelense, os morteiros palestinos deixaram 71 mortos (ONU), a maioria militares em batalha. Os números só não foram maiores, porque nove em cada dez mísseis são interceptados pelo sistema de defesa Domo de Ferro. A cada disparo, a cidade para e a população é obrigada a se esconder num bunker mais próximo em menos de sessenta segundos.

Desta vez, mísseis caíram perto de Jerusalém, Tel Aviv e Haifa, ao norte do país. Companhias aéreas dos Estados Unidos e da Europa cancelaram voos ao Aeroporto

Internacional Ben Gurion, perto de Tel Aviv. O grupo tem focado suas forças em contrabandear armas enviadas por organizações aliadas, como Síria e Irã, através de uma extensa rede de túneis ilegais na fronteira com o Egito. Este se tornou um dos principais métodos para importar armamentos, uma vez que os governos israelense e egípcio permitem apenas a passagem de cidadãos, alimentos e outros suprimentos pelos postos de fronteira.

Desde então, mais de 10 mil foguetes foram lançados contra o território israelense, segundo o site oficial do Exército de Israel. Com mais da metade da população na mira de foguetes, o governo foi impelido a agir. “A desestabilização”, lembra Stepanova (traduções nossas, 2008:3), “é a marca registrada do terrorismo e excede seu prejuízo atual”:

“Nesta era da informação e de comunicação de massa, a importância crucial não é somente a escala da violência dos terroristas armados e seu custo humano e material direto, mas também seu efeito desestabilizador na segurança nacional, internacional, humana e pública e sua habilidade em afetar a política. (STEPANOVA, traduções nossas, 2008:2)

Nos anos 60 e 70, enquanto a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) era vista como um grupo terrorista pelos países ocidentais, Yasser Arafat, então líder do grupo, usava a mesma estratégia do contra-ataque, afirmam Rob Johnson, Michael Whitby e John France (2012:234): “Arafat não tinha qualquer dúvida de que fundar um Estado seria simplesmente provocar um ataque israelense”. Arafat e OLP “ao sustentar uma luta armada a despeito de sua evidente fraqueza militar em comparação com Israel, [...] mantiveram a Palestina na pauta internacional, e ao provocar retaliações violentas conquistaram alguma simpatia ao redor do mundo” (2012:236).

A mudança de Yasser Arafat pelo caminho diplomático ocorre frente à oposição de grupos mais radicais da OLP, como a Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) e a Frente Democrática de Libertação da Palestina (FDLP). Em 1972, após o fracasso do Atentado de Munique, que resultou no saldo de 19 mortos com o sequestro de membros da equipe olímpica israelense, Arafat abandona o apoio a ataques terroristas. Sem a conquista da simpatia internacional, o líder busca uma estratégia mais pacificadora, política seguida pelo partido moderado Fatah, que ajudara a fundar nos anos cinquenta, e que hoje está no poder na Cisjordânia. Em 1993, o processo de reconhecimento internacional da Palestina é coroado no Acordo de Oslo, pelo qual Israel aceita a Autoridade Nacional Palestina (ANP), um proto-Estado, como representante dos

palestinos e, em contrapartida, Arafat reconhece o Estado de Israel. Enquanto Fatah segue o caminho diplomático, Hamas discorda do Acordo de Oslo e mantém ataques suicidas em Israel. A política pacificadora do Fatah leva a Palestina, em 2012, ao reconhecimento pela ONU como um “Estado observador não-membro”, a um passo de se tornar membro da organização. Em 2015, o Vaticano a reconhece como Estado, fazendo o uso do termo no tratado das atividades da Igreja Católica em solo palestino.

Durante o conflito com Israel em 2014, o Hamas, além de provocar episódios com impacto certo na opinião pública, tenta resolver uma de suas piores crises financeiras e políticas que começaram com a guerra civil na Síria.

Em 2012, o chefe do gabinete político do Hamas, Khaled Mashaal, então sediado em Damasco, se desentendeu com governo alauita de Bashar al-Assad após recusar a participação num atentado a sírios sunitas. Desde então, Khaled Mashaal teve de cortar relações diplomáticas com a Síria e se mudou para o Catar, outro país financiador. Mashaal foi nomeado líder político após o assassinato do fundador do Hamas, Sheikh Ahmed Yassin, e de seu sucessor e cofundador, Abdel Aziz al-Rantisi, em 2004.

No Egito, a aliada Irmandade Muçulmana, que inspirou a criação do Hamas, foi deposta, em 2013, pelo Exército egípcio. O novo governo militar, comandado por Abdel-Fattah El-Sissi, destruiu 90% dos túneis de contrabando com a Faixa de Gaza, uma das principais fontes de recursos do Hamas. A queda da Irmandade Muçulmana e o fechamento de túneis impediu a chegada de armas, carros e mercadorias.

Ao menos 160 crianças palestinas morreram exploradas na construção desses túneis, de acordo com relatório do Instituto de Estudos Palestinos. O número de mortes foi registrado a partir de 2012 e confirmado pelos próprios integrantes do Hamas. A falta de transparência sobre o lucro a partir das mercadorias que são trocadas pelo subterrâneo também tem levado a população à suspeita de corrupção na Faixa de Gaza.

A crise financeira também foi consequência da menor atenção dada nos últimos anos pelo maior patrocinador do grupo. Recentemente, o Irã se voltou para os conflitos do Estado Islâmico, que já mataram milhares de xiitas no Iraque. O país persa também não aprovou o corte nas relações diplomáticas com o ditador sírio Bashar al-Assad, aliado incondicional do Irã. Frente à pressão da comunidade internacional por apoiar grupos considerados terroristas pelo Ocidente, o Catar, sede da Copa do Mundo de 2022, também enfrenta dificuldades para investir no grupo. Em meio à crise política e a

consequente falta de recursos, o Hamas inclusive ensaiou uma aliança política com o Fatah, partido moderado que governa a Cisjordânia.

Portanto, a troca de agressões com Israel tinha como meta a recuperação de relevância para com grupos radicais da região e países vizinhos. Com o elevado grau de internacionalização das atividades terroristas, tais grupos dependem do apoio internacional e raramente agem sozinhos, observa Stepanova:

“Aqueles grupos terroristas, cujas agendas políticas permanecem localizadas a certo contexto político ou nacional, tendem a internacionalizar cada vez mais a parte da logística, arrecadação de fundos, propaganda e até o planejamento de suas atividades, às vezes, estendendo-os a regiões distantes das suas principais área de operação. Até grupos terroristas com objetivos locais tendem ter parte da base e operação no exterior”. (traduções nossas, 2008:7)

Desde início dos anos noventa, o Irã tem sido um dos principais apoiadores do Hamas (Mishal & SELA , 2006 , 97-8) . Atualmente, o Irã também tem fornecido apoio econômico para a organização através de vários canais. Embora a soma total da ajuda financeira iraniana ao grupo seja desconhecida, estima-se em milhões de dólares (ABU - AMR, 1994, 88; Levitt & Rose, 2007,172). De acordo com GlobalSecurity.com, o Irã contribui com US\$ 3 milhões anualmente aos fundos do Hamas ou 6% do orçamento do grupo.

Conforme já mencionado neste artigo, as Relações Internacionais caracterizam uma organização terrorista como um grupo não-estatal, porém, pondera Ekmekci (2009), “esta relação torna-se cada vez mais tênue, uma vez que a maioria das organizações terroristas são exploradas ou carregam ideologias de outros Estados. Terrorismo é a guerra por outros meios”, adverte. Em quase todos os casos graves de apoio estatal para o terrorismo, o estado-investidor está ou estava em iminência de guerra com o Estado inimigo.

Seria igualmente absurdo supor que essas grandes organizações terroristas como o Hamas, [...] poderia ter alcançado mais do que uma fração de sua capacidade material sem o apoio de estados estrangeiros. O apoio do Estado tem desempenhado um papel fundamental na força e eficácia de muitas organizações terroristas. (EKMEKCI, 2009)

Os grandes avanços tecnológicos militares tornaram a guerra moderna entre estados um conflito financeiramente inviável. Os custos e os resultados catastróficos de uma guerra é, atualmente, um risco alto para governos estáveis. Guerra militar é uma estratégia do passado, pondera (Ekmekci, 2009). As organizações terroristas provaram

ser uma alternativa menos custosa ao conflito direto com o inimigo, em termos políticos e econômicos:

De fato, em 1987, o então vice-secretário de estado americano, John C. Whitehead, reconheceu que o terrorismo era um “novo padrão de guerra de baixa tecnologia e de custo baixo contra o Ocidente e seus amigos” (WHITEHEAD, 1987, 70). “Estados que apoiam organizações terroristas estrangeiras contra seus inimigos, evitam responsabilidade direta pelos atos violentos de seus “agentes”, desta forma diminuindo as chances de retaliação do inimigo”. (EKMEKCI, 2009)

## **O conflito histórico**

A Faixa de Gaza tem se tornado palco do conflito principalmente desde a retirada de Israel do território, em 2005. Gaza havia sido ocupada pelos israelenses em 1967, após a Guerra dos Seis Dias. Esta guerra foi iniciada por Egito, Síria e Jordânia contra a criação do Estado de Israel. À época, os israelenses realizaram um ataque preemptivo [quando o inimigo está na iminência de uma ofensiva], e por terem vencido a guerra, ocuparam territórios incluindo a península do Sinai, no Egito, as Colinas de Golan, na Síria, Jerusalém Oriental e Cisjordânia, então anexadas pela Transjordânia e, por fim, a Faixa de Gaza, sob administração egípcia [Egito e Jordânia tinham interesses no território da Palestina e já tinham ocupado, respectivamente, Gaza e Cisjordânia durante a Guerra de Independência de Israel em 1948].

Ao longo das últimas décadas, Israel passou a devolver os territórios ocupados da Guerra dos Seis Dias, em troca da aceitação do único país judeu pelos países árabes. O primeiro foi o Egito, em 1978, com a assinatura do acordo de Camp David. Em 1994, Israel também assinou acordo de paz com a Jordânia. No mesmo ano, a cidade de Jericó e parte da Faixa de Gaza foram cedidas à OLP, além de outros territórios urbanos da Cisjordânia. Em 2005, o então premiê israelense Ariel Sharon exigiu a retirada de mais de oito mil israelenses da Faixa de Gaza para uma saída de negociação de paz com a Autoridade Nacional Palestina.

No ano seguinte, em janeiro de 2006, Hamas venceu as eleições parlamentares da Faixa de Gaza e Cisjordânia, conquistando 76 de um total de 132 assentos no governo palestino. O partido secular Fatah ficou com apenas 43 cadeiras. Em março de 2007, foi então formado um governo de união nacional entre os partidos.

Ao contrário do Hamas, o Fatah acredita ser possível um acordo definitivo com Israel pela solução de dois Estados. A Resolução 181, de 1947, previa a criação de dois países, cujas fronteiras seguiam as demarcações de comunidades judaicas fundadas, em sua maioria, durante o mandato britânico (1920-1948). Israel concordara com a resolução. No entanto os países árabes não aceitaram e declararam guerra a Israel, conhecida como a Guerra da Independência (1948-1949) ou Nakba (“catástrofe”) pelo lado palestino, dando início a uma série de conflitos que se delongam até hoje.

As discordâncias políticas entre os dois partidos levaram o presidente da Autoridade Nacional Palestina e líder do Fatah, Mahmoud Abbas, a dissolver o governo. Em junho de 2007, Hamas acusou o Fatah de um golpe de estado e assumiu o controle de Gaza num conflito que resultou na morte de mais de 600 palestinos, de acordo com o *Palestinian Independent Commission for Citizens' Rights*. Com a separação política entre os dois partidos, o Fatah, porém, assume a Cisjordânia. Desde então, o premiê Mahmoud Abbas conquistou importantes avanços para o reconhecimento da Palestina nas Nações Unidas, através de uma política de paz frente ao atual partido de direita israelense que insiste na manutenção e construção de prédios civis na Cisjordânia.

Apesar da retirada de Israel da Faixa de Gaza, o objetivo político do Hamas é a ocupação de todo o território israelense e cisjordânico. Para alcançar tal objetivo, busca-se apoio logístico e financeiro de países árabes aliados para importar munições. O armamento tem sido amenizado por Israel e Egito com a inspeção nos postos de fronteira, apesar da entrada de armamentos ter sido feita pela rede de túneis ou por embarcações. A própria fronteira com Israel e os muros que a cercam, além da inspeção que é realizada por mar, têm atraído a simpatia ao grupo terrorista. A inspeção é uma complexa questão política para o governo israelense, que ao mesmo tempo que evita a entrada de armamentos e a saída de terroristas, prejudica diretamente a população de Gaza.

O Hamas é uma organização sunita, fundada em 14 de dezembro de 1987, na Primeira Intifada, e se divide em três braços: as brigadas Ezzedeen Al-Qassam; um partido político e uma estrutura de cunho social, que representa noventa por cento de suas atividades. Suas origens datam da década de sessenta, quando, sem a atual denominação, surgiu como entidade filantrópica. A construção e manutenção de hospitais, escolas, orfanatos e postos de saúde preenchem o vácuo deixado pela Autoridade Nacional Palestina (ANP). O Hamas se tornou uma alternativa contra a

corrupção do partido secular Fatah. O apoio à população carente levou o grupo mais tarde à vitória nas eleições de 2006.

Em 1988, foi publicada a carta de fundação em 36 artigos que prevê a destruição de Israel e a instalação de uma república islâmica, onde hoje está Israel, Gaza e Cisjordânia. De acordo com o site oficial das brigadas Ezzedeen Al-Qassam, o braço armado luta “para evocar o espírito do Jihad entre os palestinos, árabes e muçulmanos”.

Essa interpretação extremista do jihad (“esforço”, “empenho”, em árabe) “incentiva o auto sacrifício (ações suicidas) [...] estendendo a tradição secular do martírio à fé islã para aplicar suas táticas suicidas, incluindo ataques indiscriminados contra civis”, (STEPANOVA, traduções nossas, 2008:89)

Para legitimar o terrorismo, o jihad justifica o ato de violência através de uma interpretação enviesada do Alcorão. O livro sagrado dos muçulmanos não só condena a morte de inocentes, como prioriza a paz em detrimento da guerra e incentiva o convívio harmonioso com outras comunidades. Por isso, segundo Stepanova (2008), o Hamas chega a pedir a anuência de um líder religioso que seja capaz de utilizar trechos e expressões fora de contexto no Alcorão para justificar a morte de civis:

“Por exemplo, ao tomar decisões importantes, incluindo as relacionadas à atividade terrorista, a liderança do Hamas pode consultar “teólogos” islâmicos e autoridades espirituais fora do território Palestino. Em alguns casos, os líderes espirituais de um grupo não têm uma sólida credencial teológica [...], que carece de qualquer [...] reputação, mas se coloca efetivamente como um líder espiritual e um oráculo para o mundo muçulmano”. (traduções nossas, 2008:63)

A suposta legitimação religiosa é seguida à rixa pelos movimentos terroristas islâmicos ao ponto de sentirem a necessidade de dar explicações específicas adicionais às ações contra civis. “Embora os ataques terroristas palestinos, por vezes, resultarem em mortos e feridos entre os árabes israelenses ou palestinos, a maior parte das vítimas estão entre a população civil 'inimiga'. Isso faz a tarefa de justificação política, religiosa [...] de tais ações muito mais fácil para os grupos responsáveis”. (traduções nossas, 2008:94).

A interpretação extremista para justificar atos de violência e auto sacrifício contra a “ocupação do Ocidente e a liberação do povo islâmico” foi criada pelo egípcio Sayyid Qutb, um dos idealizadores do Jihad, que se baseia em certas premissas. Os objetivos do jihad são ilimitados e universais e estão centrados sobre a criação da “soberania e autoridade de Deus na terra”.

O Jihad ignora a tradição pacífica do Islã. O Alcorão proíbe o ato de violência contra inocentes, enfatiza a paz e a natureza defensiva. O livro sagrado também proíbe o assassinato de inocentes [independentemente do estado de guerra ou de paz] e a luta por meio excessivo ou ilegal, “porque Deus não ama aqueles que excedem os limites”. O Alcorão iguala a morte de um inocente em pé de igualdade com outros crimes. E, por fim, o Islã rejeita o assassinato de mulheres e crianças, muçulmanas ou não. (traduções nossas, 2008:90).

Estas diretrizes islâmicas pela não violência foram deixadas de lado pelo Hamas, uma vez que o objetivo final da conquista do território israelense e cisjordaniano encontra-se distante e mais difícil de ser alcançado. A violência, afirma Stepanova “torna-se mais radicalizada frente à menor possibilidade de alcance político”. Em outras palavras, quanto menores forem as chances da ambição política, mais o grupo sente a necessidade de se radicalizar:

“Sempre quando o terrorismo se torna comum e banal, ele perde boa parte de seu efeito político. Terrorismo é a violência anormal. Só faz sentido para os perpetradores se for considerado como violência extrema.” (traduções nossas, 2008:61)

## **Conclusão**

Diante da crise financeira e política pela qual Hamas enfrenta nos últimos anos, o conflito com Israel em 2014 tornou-se uma nova oportunidade para colocar a causa palestina na pauta internacional. O sequestro e a morte dos três jovens judeus e o lançamento de foguetes ao território israelense foram o estopim do conflito que durou cinquenta dias e causou a morte de 2.205 palestinos e 71 israelenses. O flagelo atual é deliberadamente iniciado pelo Hamas que, ao provocar o contra-ataque israelense, expõe estrategicamente o maior número de vítimas ao revide.

A pesada ofensiva militar do premiê israelense Benjamin Netanyahu que resultou na cena de destruição e mortes de civis é apenas parte da complexidade do conflito político. Diante da assimetria militar, financeira e de status, o grupo não-estatal tem de seguir dois passos essenciais para vencer a guerra irregular. O primeiro, e mais fácil, é colocar a questão palestina na pauta internacional. O segundo e último é cativar a simpatia de países e grupos radicais que o apoiem politicamente e financeiramente. O

ato terrorista e a morte de civis israelenses não conquistam, por si só, o apoio no cenário externo.

A verdadeira arma de um grupo terrorista é o contra-ataque do Estado e o número de mortes de civis palestinos. Deste modo, o Hamas utiliza instituições da ONU, escolas, hospitais e mesquitas como pontos de lançamento de foguetes. Os armamentos também são colocados, estrategicamente, em prédios civis, expostos como alvos do revide. Caso os escondesse na sede militar da brigada, longe de instituições civis, o contra-ataque israelense seria certo, sem provocar danos à população. O próprio investimento de US\$ 90 milhões para a construção de ao menos trinta e dois túneis, pelos quais seriam organizados ataques terroristas ao território israelense, expõe a prioridade política do grupo, em detrimento da situação precária em que se encontra a população da Faixa de Gaza. O apoio financeiro de outros países ao Hamas se mostra um meio menos custoso de países inimigos enfrentarem o Estado de Israel. O terrorismo, afirma Ekmekci (2009), é “guerra por outros meios”.

Conclui-se que o Hamas esconde os armamentos em instituições civis e usa a própria população civil como escudo humano com o objetivo de conquistar o noticiário e a simpatia internacional. Duas formas estratégicas e essenciais para que o Hamas, como um grupo não-estatal, alcance o objetivo político frente à assimetria de armamento, poder e status do Exército Estado. Somente a simpatia internacional possa levar o Hamas ao objetivo político e territorial. De Israel à Cisjordânia. Do rio Jordão ao mar Mediterrâneo.

## Bibliografia

- Conclusões do Conselho da União Europeia no processo de paz no Oriente Médio. Disponível em: [http://eu-un.europa.eu/articles/en/article\\_15300\\_en.htm](http://eu-un.europa.eu/articles/en/article_15300_en.htm). Acesso em: 04 de abril de 2015.
- Conflito Israel\Gaza: Questões e Respostas. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/articles/news/2014/07/israelgaza-conflict-questions-and-answers/>. Acesso em: 14 de março de 2015.
- Crise de Gaza. Disponível em: <http://www.ochaopt.org/content.aspx?id=1010361>. Acesso em: 25 de abril de 2015.
- DEMANT, P. O Mundo Muçulmano. São Paulo, Editora Contexto, 2004
- Entenda a recente escalada de violência na Faixa de Gaza. Disponível em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2009/01/090108\\_gazaqanda\\_ac.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/reporterbbc/story/2009/01/090108_gazaqanda_ac.shtml). Acesso em: 02 de abril de 2015
- EKMEKCI, Faruk. Terrorismo como guerra por outros meios: segurança nacional e apoio estatal por terrorismo. Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, v. 54, n. 1, 2011
- Ezzedeen Al-Qassam Brigades. Disponível em: [www.qassam.ps](http://www.qassam.ps). Acesso em: 14 de março de 2015
- Gaza: Palestinos torturados e executados sumariamente pelo Hamas durante o conflito de 2014. Disponível em: <https://anistia.org.br/noticias/gaza-palestinos-torturados-e-executados-sumariamente-pelo-hamas-durante-o-conflito-de-2014/>. Acesso em: 27 de maio de 2015
- Hamas história e ideologia. Disponível em: <https://www.idfblog.com/hamas/2012/01/21/hamas-history-ideology>. Acesso em: 23 de abril de 2015
- JOHNSON, R.; WHITBY, M.; FRANCE, J. Para Ganhar a Guerra: As 25 melhores táticas de todos os tempos. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012
- Mais de 600 palestinos mortos no conflito interno desde 2006. Disponível: <http://www.ynetnews.com/articles/0,7340,L-3409548,00.html>. Acesso em: 22 de março de 2015
- MORRIS, B. Um Estado, Dois Estados. Trad. Nancy Rozenchan. São Paulo, Editora Sêfer, 2014

- Novo relatório expõe política de escudo humano do Hamas. Disponível em: <https://www.idfblog.com/blog/2014/08/20/new-declassified-report-exposes-hamas-human-shield-policy/>. Acesso em: 05 de abril de 2015
- O preço da rede de terror subterrânea do Hamas. Disponível em: <https://www.idfblog.com/blog/2014/07/26/price-hamas-underground-terror-network/>. Acesso em: 25 de abril de 2015
- PELHAM, Nicolas. Gaza's Tunnel Phenomenon. The Institute for Palestine Studies, Beirute, v. 41, n. 4, pág. 6, 2011-2012
- Qatar vai banir Mashaal do Hamas, que vai se deslocar para a Turquia. Disponível em: <http://www.jpost.com/Middle-East/Report-Qatar-to-banish-Hamas-political-bureau-chief-Mashaal-who-will-relocate-to-Turkey-386808>. Acesso em: 02 de maio de 2015
- RANGEL, C. A mais sangrenta ofensiva militar em uma década. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/26/internacional/1419624080\\_095754.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/26/internacional/1419624080_095754.html). Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.
- STEPANOVA, E. *Terrorism in Asymmetrical Conflict: Ideological and Structural Aspects*. New York: Oxford University Press, 2008
- SUAREZ, Marcial A. Garcia. Terrorismo e política internacional: uma aproximação à América do Sul. *Contexto Internacional*, Rio de Janeiro, v. 34, n.2, dez. 2012
- Território palestino ocupado. Disponível em: <http://www.ochaopt.org/index.aspx>. Acesso em: 10 de março de 2015
- The Muslim Brotherhood's Official English web site. Disponível em: <http://www.ikhwanweb.com/tagView.php?id=Hamas>. Acesso em: 10 de maio de 2015.
- UNRWA condena veemente a colocação de foguete em escola. Disponível em: <http://www.unrwa.org/newsroom/press-releases/unrwa-strongly-condemns-placement-rockets-school>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2015
- Uso do escudo humano do Hamas é crime de guerra. Disponível em: <https://www.idfblog.com/blog/2014/07/14/hamas-use-human-shields-war-crime/>. Acesso em: 05 de abril de 2015
- YOUSEF, M. Filho do Hamas: Um relato Impressionante Sobre Terrorismo, Traição, Intrigas Políticas e Escolhas Impensáveis. Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2010